



O jornal O Trabalho do Partido dos Trabalhadores e o desafio da representação política¹

Nelson Toledo Ferreira²

Universidade Federal Fluminense

Resumo: A proposta é refletir sobre os tradicionais jornais impressos dos partidos políticos como dispositivos de representação dos trabalhadores, tomando como objeto empírico o jornal O Trabalho, do Partido dos Trabalhadores, criado no final da década de 70, que até os dias atuais circula com uma periodicidade regular e com o mesmo entusiasmo ideológico. Trata-se de um dos poucos jornais impressos partidários de “esquerda”, que mantém o fôlego editorial frente a uma comunicação política cada vez mais midiaticizada. Buscaremos demonstrar, com a análise de conteúdo, como a referida publicação criava mecanismos de representação política com a classe trabalhadora nos anos 80 e como estes mesmos vínculos se dão nas edições de 2012, contextualizando com o atual estágio do capitalismo e os seus reflexos na mobilização dos trabalhadores.

Palavras-chave: Comunicação política; Jornalismo partidário; Representação política; Partido dos Trabalhadores.

Introdução

Os meios são considerados atualmente um vetor principal da vida política porque amplia o acesso dos eleitores aos candidatos/partidos e aos seus discursos e vice-versa, ampliando, com isso, uma preocupação frequente com a opinião pública e com todo o cenário que envolve a representação política. Os meios de comunicação transformam-se em amplas arenas, na medida em que, na sociedade contemporânea, o que é registrado pelos meios é o que passa a existir na realidade. Nisso decorre que as representações midiáticas criam um ambiente em que se definem o pensamento, julgamento e ação dos indivíduos na sociedade, e esta prerrogativa é cada vez mais apropriada no cenário político, na construção dos discursos que parecem se tornar menos ideológicos e mais preocupados com técnicas de persuasão. Diante desta nova configuração, desenvolve-se um ritmo mais descartável e imediatista das relações políticas entre partidos, candidatos e cidadãos.

¹ Trabalho apresentado ao DT 08 – Estudos Interdisciplinares de Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Doutorando de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, email: neotolledo@hotmail.com



Neste cenário, apesar das inúmeras ferramentas e estratégias comunicacionais, advindas com as novas tecnologias, os partidos políticos parecem não conseguir mais seduzir seu eleitorado com dispositivos ideológicos e, sim, com técnicas imediatistas de identificação mais com candidatos do que com os próprios partidos, principalmente nos períodos eleitorais. Com isso, o debate sobre a representação política e mídia torna-se fundamental para entender a lógica da política contemporânea e o envolvimento dos trabalhadores neste processo, que, conseqüentemente, poderão jogar luzes sobre discussões de temas como mobilização, participação popular e promoção da cidadania.

De acordo com Espirito Santo; Figueiras (2010) ao longo dos anos têm sido verificadas mutações nas campanhas eleitorais das democracias ocidentais, não só no Brasil, mas em todo o mundo, em conseqüência de transformações nos partidos, nos media e no eleitorado. As autoras enfatizam que a partir dos anos 90, fenômenos como a personalização da política - com os candidatos ganhando mais importância em detrimento dos partidos-; a cientificação das campanhas eleitorais, com a profissionalização da comunicação tomando decisões que antes eram dos partidos políticos; e a adoção de estratégias específicas visando os *mass media* criaram um novo cenário do processo político contemporâneo.

Não se trata de adequar estes novos media ao cenário político, mas o inverso. Os políticos e seus respectivos partidos recorrem às novas tecnologias de comunicação, pesquisas e uma série de técnicas para potencializarem suas mensagens e estreitar o relacionamento com seus eleitorados, visando monitorar suas imagens junto à opinião pública, e, conseqüentemente, garantir êxito nas eleições e o consenso favorável aos seus mandatos.

Diante destas modernas técnicas comunicativas e da profissionalização do setor, cabe a reflexão sobre as tradicionais formas de comunicação política, que surgiram na época da então chamada classe operária, nos anos de 1920, com o início do processo de urbanização do país. Nesta fase, as publicações tinham como ênfase a mobilização e a conscientização dos trabalhadores em relação ao processo político, apostando no cunho ideológico de suas páginas impressas para tecer a representação política junto aos seus militantes e simpatizantes, e, com isso, fortalecer a participação política dos mesmos. Eram jornais e boletins impressos, poucos preocupados com a estética, com a espetacularização, com a construção de imagens e, principalmente, com técnicas sedutoras de persuasão, tão em voga e necessárias nos dias atuais.



Nestas reflexões, cabe a ressalva que o jornal impresso foi um dos primeiros veículos a ser utilizado como alavanca discursiva de conscientização dos trabalhadores em relação a sua história política e ao seu papel como principal agente de mudanças sociais. Com o passar do tempo, poucos jornais partidários vingaram neste mercado espetaculoso da comunicação política contemporânea. Cabe-nos questionar se o motivo refere-se a esta profissionalização da comunicação política, a falta de identificação dos trabalhadores com a representação construída nestes jornais, ao detrimento da leitura do jornal impresso frente ao ambiente digital e às suas sedutoras e rápidas formas de produção e divulgação de notícias e mensagens, ou ainda a falta de uma readequação estilística e estética dos mesmos, neste concorrido mercado dos media.

Este é o foco deste artigo, que procura refletir sobre a importância das publicações impressas partidárias - cada vez mais escassas, nesta nova ambiência eleitoral e de midiaticização da política -, como mecanismo de representação política dos trabalhadores, a cada dia expostos a novas demandas pela complexificação da sociedade e pelas mutações do mundo e do sentido do trabalho na contemporaneidade. Partindo do particular para o geral buscamos demonstrar esta relação partido político, representação e trabalhadores, analisando a crise editorial que se abate no jornal O Trabalho, criado no final dos anos 70, que tenta se manter em atividade nos dias atuais, com a venda de assinaturas para aqueles leitores e militantes que acreditam na ideologia proposta pelo jornal durante todas estas décadas de existência.

A disputa pelos agendamentos mediáticos

Nesta perspectiva da centralidade dos *mass media* no contexto político há de se considerar as representações jornalísticas e as suas práticas discursivas na construção de significados e visões do mundo, interferindo na produção de sentidos dos indivíduos e, conseqüentemente, na prática social dos mesmos, refletindo diretamente no cenário político através de processos de agendamento e enquadramentos. Diante do exposto, os meios de comunicação são considerados importantes formas de representação política por conseguirem com eficácia disseminar conteúdos simbólicos, priorizando determinadas temáticas em detrimento de outras, e, definindo um agendamento do que é importante para a sociedade por conta da sua visibilidade mediática. E a partir disso, um outro processo se inicia, que é o enquadramento, “marcos interpretativos construídos socialmente, que permitem as pessoas atribuírem sentido aos acontecimentos e às



situações sociais”³. A ênfase a determinadas palavras, imagens, metáforas e retóricas em um discurso acaba por legitimar determinadas ideias, obscurecendo outras menos visíveis nestas construções textuais e/ou imagéticas, construindo percepções direcionadas de realidade, de acordo com interesses de grupos.

Partimos do pressuposto de que os discursos de determinadas instituições são também importantes fontes de agendamento, tendo uma postura ativa ou reativa em relação aos enquadramentos dos meios massivos na sociedade, buscando sensibilizá-los na tentativa de incluir ou excluir temáticas, o que ocorre com muitos partidos políticos através de sua imprensa partidária, principalmente, em períodos eleitorais. Miguel (2003) aponta que:

Os diversos grupos de interesse presentes na sociedade disputam a inclusão ou exclusão de temas na agenda, bem como sua hierarquização, mas quem ocupa a posição central são os meios de comunicação de massa, conforme tem demonstrado a ampla literatura sobre a chamada agenda-setting (definição de agenda). A mídia é, de longe, o principal mecanismo de difusão de conteúdos simbólicos nas sociedades contemporâneas e, uma vez que inclui o jornalismo, cumpre o papel de reunir e difundir as informações consideradas socialmente relevantes. (...) os grupos de interesses e mesmo os representantes eleitos, na medida em que desejam introduzir determinadas questões na agenda pública, têm de sensibilizar os meios de comunicação. (MIGUEL, 2003, p.132)

Com isso, reforça-se a importância da comunicação política dos partidos para resgatar representações políticas e laços de pertencimento através de constantes reorganizações de seus jornais e outros canais comunicativos, que mesclam as inovações tecnológicas com as peculiaridades do mundo moderno, resultando em alternativas discursivas que garantam o compromisso com os trabalhadores e suas demandas num contexto cada vez mais marcado pelas peculiaridades deste novo estágio do capitalismo, que vivemos. Negar esta transformação social e política nos dias atuais é romper com possibilidades de potencializar as representações políticas dos partidos e garantir novas frentes de mobilização e de participação política dos trabalhadores.

O Jornal O Trabalho

³ O conceito é baseado na obra *Frame analysis*, do sociólogo americano Erving Goffman (SOARES, 2009, p.57)



O jornal O Trabalho foi lançado em 1º de maio de 1978, como um órgão da Corrente “O Trabalho do Partido dos Trabalhadores”, seção brasileira da 4ª Internacional, no período de ditadura militar, com a linha editorial voltada à luta dos trabalhadores e à construção de suas próprias organizações: um partido político próprio e uma central sindical independente dos patrões e do governo, de qualquer governo. Atualmente, mesmo com a crise que se abate sobre a versão impressa, a publicação continua com uma periodicidade regular mensal e venda de assinaturas para simpatizantes e militantes da legenda. No entanto, o jornal mantém uma edição eletrônica – <http://www.jornalotrabalho.com.br>, que disponibiliza aos internautas parte do conteúdo da versão impressa. Mas a luta agora é para manter o projeto impresso do jornal com campanhas de adesão de assinaturas, que segundo informações do próprio jornal em abril de 2012, chegavam apenas a 400 em todo o país.

Na sua história, a publicação foi importante aliada do movimento da classe trabalhadora brasileira contra a ditadura militar que deu origem à construção do Partido dos Trabalhadores e da Central Única dos Trabalhadores. Mais do que isso, a proposta era reportar em suas páginas, na forma de solidariedade internacional, a luta dos trabalhadores em todo mundo. É importante resgatar historicamente que a 4ª Internacional foi fundada em 1938, sob direção de Leon Trotsky, herdeira do combate de revolucionários como Marx, Engels e Lenin, na organização política da classe operária.

O Partido dos Trabalhadores e suas crises de identidade

Para entender a tendência política do Jornal O Trabalho faz-se necessário contextualizar historicamente o surgimento e a ascensão do Partido dos Trabalhadores. A legenda nasceu em um momento em que as liberdades individuais e de segmentos sociais estavam clamando espaços sociais e políticos, cerceados pela ditadura militar. O cenário político nacional exigia uma legenda com uma ideologia contra-hegemônica que pudesse fazer um enfrentamento à chamada direita, na época representada pelos militares, pelos grupos conservadores e pela elite econômica. O processo de democratização do país foi o trampolim para que o Partido dos Trabalhadores aparecesse como uma novidade política, revelando novas diretrizes para a política brasileira e mostrando um discurso que logo acarretou uma identificação com o público que ele dizia representar.



No decorrer dos anos, ocorreram cisões de tendências dentro do Partido, justamente pela polêmica construção simbólica da democracia socialista, principalmente no período em que o PT começa a maximizar suas forças nas eleições nos municípios, estados e federação, necessitando de novos discursos legitimadores para lidar então com a administração eficiente e comprometida com seus ideais democráticos, com os segmentos excluídos e movimentos sociais organizados, que eram suportes de suas plataformas políticas e objetivos eleitorais. O jornal O Trabalho representava forte corrente dentro do Partido, principalmente pela busca constante de reafirmação de sua política ideológica, em defesa do socialismo como forma de governo.

Nesta trajetória de ascensão no espaço político nacional, as práticas discursivas do PT foram reformuladas sem perder o seu ponto de equilíbrio e comprometimento político, tensionadas não só com o poder que agora detinha, mas com os fatores macroeconômicos de uma sociedade que passava por mudanças e não tinha como retroceder. No entanto, esta nova configuração causou tensões dentro das tendências dentro do próprio Partido, que ocorre inclusive até os dias atuais.

O problema da representação política

Nesta conjuntura, acreditamos na necessidade de uma compreensão e um debate teórico sobre representação, na medida em que os partidos políticos são entendidos como sistemas de mediações entre a sociedade e o Estado. Miguel (2003) sustenta que existe uma deteriorização da adesão popular às instituições representativas em toda a parte do mundo, de maneira mais ou menos acentuada, inclusive nos regimes democráticos, que pode apresentar-se como evidências pelo declínio do comparecimento eleitoral, descrédito em relação às instituições e o esvaziamento dos partidos políticos. Para o autor a recuperação dos mecanismos representativos depende da própria compreensão do sentido da própria representação, na medida em que o conceito torna-se cada vez mais complexo, pois existe um desvio entre os modelos ideais e a prática.

Pitkin (1967) aponta que para compreender como o conceito de representação entrou no cenário político é necessário contextualizar com o desenvolvimento histórico das instituições, a interpretação sobre o papel das mesmas na sociedade e o próprio desenvolvimento etimológico da palavra. A autora categoriza a representação política em “representação descritiva” e “visão formalista”. A primeira vê os representantes



como microcosmo da sociedade representada, reproduzindo nas suas devidas proporções suas peculiaridades, já a segunda, dá ênfase entre representantes e representados, com foco na autorização que uns dão para que outros tomem decisões e ajam em seu lugar. Nos dois casos, observa-se que a representação política ultrapassa o cenário eleitoral para a legitimação do exercício do poder por determinados grupos.

Acreditamos que esta legitimação tem que ser construída através de processos de identificação entre os representados com seus representantes, o que exige medidas eficazes para que ocorram estes sentimentos de pertencimento dos cidadãos a determinados grupos e não a outros, com demandas comuns, discursos comuns, percepções comuns.

Neste sentido, o Partido dos Trabalhadores teve que construir socialmente estes “signos legitimadores” através de seus discursos e de suas práticas sociais, quando apareceu como novidade política crítica ao poder instituído e, num segundo momento, quando intervinha administrativamente em vários setores da sociedade, como educação, saúde, segurança pública, economia etc. Tais discursos de sua imprensa partidária podem ter criado um quadro de referência para os segmentos representados pelo partido para que passassem a entender sua própria realidade, legitimando mudanças, mesmo com a crise de identidade que enfrentou e enfrenta até os dias atuais.

Metodologia

Diante dos embates teóricos acima sobre a trajetória do Partido dos Trabalhadores e o desafio da representação política frente a uma sociedade cada vez mais midiaticizada, com forte apelo capitalista e inserida numa nova ambiência eleitoral, buscamos através da análise de conteúdo diagnosticar os desafios da representação política de um dos mais tradicionais jornais do PT, O Trabalho, que consegue sobreviver editorialmente, apesar da crise que passa.

O objetivo central foi apontar qual representação política dos trabalhadores era feita pelos jornais, comparativamente, nas edições históricas da década de 80 e nas atuais, de 2012. A análise de conteúdo oferece uma série de ferramentas que permitem fazer uma segunda leitura de algum *corpus*, cabendo ao pesquisador mostrar paralelos e definir categorizações que possibilitem agrupar temáticas, ideologias, elementos discursivos, de formas quantitativa e qualitativa. Esses instrumentos estabelecem um



rigor de análise no entrelaçamento entre o objetivo e o subjetivo expostos no objeto estudado.

Para este presente estudo, buscamos como unidades de registro de ordem semântica, palavras que refletem, majoritariamente, ideias e temáticas utilizadas tradicionalmente nos discursos dos partidos políticos e, em contrapartida, vocábulos apropriados por teóricos quando analisam as novas demandas e configurações do mundo do trabalho, carreira profissional e perfil do trabalhador na contemporaneidade. Buscamos focar apenas nos títulos de manchetes e artigos para condensar as ideias contidas nas edições da referida publicação, já que o que nos interessa é diagnosticar a representação política construída em datas tão diferentes historicamente. Foram analisados os jornais das seguintes datas: 11/03/1980; 01/04/1980; 13/05/1980; 27/01/2012; 29/02/2012; 15/03/2012

Tabela 1 - O jornal O Trabalho - edições de 1980

Palavras	Manchetes	Títulos de Artigos	Títulos de matérias
União/unir	0	0	0
Trabalhador/Operário/proletariado	2	0	0
Classe/categoria	1	1	
Luta/resistência/ Força/revolução	5	1	2
Estudantes	2	0	7
Minorias	4	2	0
Conscientização/	0	0	0
Exploração/ imperialismo/crise	4	0	3
Reivindicação/greves/protestos	7	5	12
Salários/Reajuste salarial	1	1	0
Mundo do trabalho/empregabilidade	1	1	1
Ditadura/opressão	9	3	5
Sindicato/Partido	6	4	6
Cultura: show, cinema, teatro	0	0	4
Assembleia/reunião/encontro	1	1	5
Democracia/socialismo/ capitalismo (sistemas de governo)	0	0	1
Mercado	0	0	0
Qualificação/ qualificar	0	0	0
Conhecimento	0	0	0
Nacional/nação/Brasil	1	0	2
Modernidade/Pós modernidade	0	0	0
Globalização/política internacional	8	0	4
Neoliberalismo	0	0	0
Carreira/Jornada	0	1	0
Individualismo	0	0	0
Equipe/turmas	0	0	0



Produtividade	0	0	0
Terceirização/privatização	0	0	0
Metas/processos	0	0	0
Competitividade	0	0	0

Nas edições da década de 80, o jornal era em formato tablóide, 12 páginas e as editoriais eram assim divididas: Notas, Nacional, Luta de classe (com quatro páginas), Cultura, Internacional (com três páginas), O Trabalho. Diante de tal análise foram distribuídos nestas três edições de 1980, entre matérias e artigos, com suas respectivas manchetes, 126 títulos. Das palavras plenas acima discriminadas, as cinco mais utilizadas pelo corpo editorial nos títulos da referida publicação foram *reivindicações/greves/protestos* com 24 ocorrências, seguida de *ditadura/opressão* com 17 registros, *sindicatos/partidos* com 16, *política internacional* com 12 e *estudantes* com 9.

Os resultados direcionam nossa análise para o momento de repressão e luta contra a ditadura através de uma mobilização dos trabalhadores com greves e protestos. Neste momento, percebe-se a representação política dos trabalhadores mais voltada a ideia da classe trabalhadora como agente político importante na luta contra a ditadura militar e a importância da organização dos trabalhadores, o que foi o berço para o nascimento do Partido dos Trabalhadores, como uma opção política diferenciada.

Nisso, decorre uma representação de certa homogeneidade identitária dos trabalhadores, principais vítimas do governo ditatorial. Outro fato que pode ser destacado é um espaço voltado para minorias como mulheres, índios e negros com seis ocorrências de títulos, sendo sua maioria em manchetes. Nesta época, os movimentos sociais e os chamados excluídos socialmente começavam a aglutinar forças contra qualquer governo de exclusão, o que fortaleceu o crescimento do Partido dos Trabalhadores, que tinha como bandeira esta inclusão social.

O número de registros da palavra *estudantes* também chama a atenção, na medida em que o momento político e histórico dos trabalhadores tinha o apoio da presença do movimento estudantil contra a ditadura, que empresta, de uma certa maneira, uma representação idealizada do jovem como força política no mundo do trabalho. A *política internacional* com 12 ocorrências revela a preocupação com a homogeneização da luta da classe trabalhadora nos países europeus como vítimas do sistema, apesar da pouca discussão sobre capitalismo/socialismo. Esta aproximação de problemáticas da classe trabalhadora reforça nossa tese de uma noção de



homogeneidade identitária dos trabalhadores que foi a principal marca da década de 80, sem limites geográficos e contextos históricos e políticos diferenciados de país para país. Eram trabalhadores explorados pelo regime capitalista que lutavam pela liberdade de expressão e organização, na luta por um mundo melhor e mais justo, nem que fosse pela revolução armada. Mas, neste contexto, percebe-se que o principal inimigo era o regime ditatorial que impedia mudanças e, conseqüentemente, amalgamava a identidade da classe trabalhadora, tanto no Brasil, como em outros países da Europa.

Analisando a representação política feita pelo jornal em relação aos trabalhadores, acredita-se que a referida publicação tinha um papel ativo na sociedade e conseguia, com este, clamor à luta contra o inimigo comum (a ditadura), uma percepção maniqueísta (trabalhador/ditadura) em relação às matérias veiculadas. De um lado o bom trabalhador sofrido sendo explorado pela elite (que representavam o mau), identificada mais pelo Governo Federal do que pela relação com os patrões. Percebe-se que não se discute questões relacionadas à relação de produção, condições de trabalho e até mesmo reajuste salariais, que apontaram apenas duas ocorrências neste estudo. A questão principal não era, no primeiro momento, econômica, mas liberdade política. Nesta unidade identitária, os trabalhadores se identificam e criavam laços de pertencimento a este movimento dos trabalhadores e estudantes, tendo o jornal *O Trabalho*, um papel fundamental de aglutinar o movimento.

Tabela 2 - O jornal O Trabalho - edições de 2012

Palavras	Manchetes	Títulos de Artigos	Títulos de matérias
União/unir	0	0	0
Trabalhador/Operário/proletariado	1	0	1
Classe/categoria	2	0	1
Luta/resistência/ Força/revolução	4	0	0
Estudantes	2	0	5
Minorias	0	0	0
Conscientização/	0	0	0
Exploração/ imperialismo/crise	1	0	2
Reivindicação/greves/protestos	2	0	5
Salários/Reajuste salarial	4	2	1
Mundo do trabalho/empregabilidade	3	0	6
Ditadura/opressão	6	0	3
Sindicato/Partido	2	1	11
Cultura: show, cinema, teatro	0	0	1
Assembleia/reunião/encontro	3	0	2
Democracia/socialismo/ capitalismo (sistemas de governo)	0	0	0



Mercado	1	0	0
Qualificação/ qualificar	0	0	0
Conhecimento	0	0	0
Nacional/nação/Brasil	3	0	3
Modernidade/Pós modernidade	0	0	0
Globalização/política internacional	9	0	17
Neoliberalismo	0	0	0
Carreira/Jornada	0	0	0
Individualismo	0	0	0
Equipe/turmas	0	0	0
Produtividade	0	0	0
Terceirização/privatização	0	0	0
Metas/processos	0	0	0
Competitividade	0	0	0

Nestas quatro décadas de existência do jornal, algumas alterações foram feitas na distribuição de editorias, que também acabam jogando luzes sobre o agendamento de determinados temas em detrimento de outros, mas com algumas incoerências. A publicação continua sendo em formato tablóide, 12 páginas e ganhou mais uma cor, o vermelho (símbolo tradicional das esquerdas) e as editorias ficaram assim divididas: Juventude, Editorial, Partido, Diálogos Petista, Luta de Classes (duas páginas), Dossiê, Internacional (três páginas). Percebe-se que a editoria Luta de Classes nestas décadas perdeu duas páginas, enquanto que os assuntos ligados à política internacional e ao movimento dos trabalhadores em outros países continuou com três páginas. A página de Cultura caiu, aliás, nos registros de palavras plenas não teve uma sequer ligada às questões diretamente culturais, como livros, shows, teatros e cinema, como tinham esporadicamente nas edições de 80. No seu lugar, entrou uma editoria chamada Dossiê, mais voltada à memória da época da ditadura, anistia, perseguições etc. Outro ponto que chama a atenção é a criação da editoria Juventude, que aborda assuntos sobre a participação política dos jovens e seus problemas em relação ao acesso à educação e às questões nacionais, buscando o envolvimento deste segmento para fortalecer a luta dos trabalhadores.

Depois destas considerações iniciais, podemos apontar o resultado da análise de conteúdo das edições de 2012. Foram registrados 104 títulos, entre artigos e matérias, com suas respectivas manchetes, que tiveram, na seguinte ordem, as palavras plenas com maior utilização pelo corpo editorial da publicação: *política internacional* lidera com 26 ocorrências; *sindicatos/partido* com 13; e empatadas com 09 registros, *salários/reajustes salariais*, *mundo do trabalho e empregabilidade*. Diante de tal cenário, percebe-se nestas edições atuais do jornal *O Trabalho*, uma preocupação com a



análise da política internacional mais do que com as questões nacionais, o que é confirmado pelo espaço do próprio jornal em relação ao número de páginas da editoria *Internacional* se comparada com a página *Nacional*. Isso nos leva a uma inferência que o corpo editorial do jornal ainda aposta na identidade homogênea do trabalhador, independente do contexto histórico, social e político de cada país, confirmando uma preocupação mais ideológica de luta de classes e de princípios de defesa do socialismo.

A segunda maior ocorrência (*sindicatos/partidos*) revela uma preocupação com a posição do Partido dos Trabalhadores frente algumas mudanças estruturais nas questões econômicas como privatização de setores, reforma agrária e, mais enfaticamente, em relação a pisos salariais de trabalhadores, que acabaram ocupando a terceira posição em registros nesta análise, juntamente com *mundo do trabalho e empregabilidade*. Mas, observa-se que no quesito *mundo do trabalho e empregabilidade* as temáticas se referem mais às relações econômicas e financeiras como reajustes de salários.

Considerações finais

A complexificação da sociedade contemporânea estimula a discussão sobre as inúmeras formas de representação dos trabalhadores no cenário político, que resulta também em processos complexos de mediação entre legendas partidárias, cidadãos e Estado, principalmente, numa época em que ocorrem transformações na forma de se fazer política, pela presença cada vez mais impactante dos meios de comunicação de massa neste contexto.

Este artigo buscou apontar algumas questões que podem nortear o estudo das publicações impressas dos partidos políticos frente a uma comunicação cada vez mais midiaticizada. O seu tradicional papel de doutrinação, conscientização e mobilização política é ainda muito forte, mas estas publicações mostram nas últimas décadas sinais de enfraquecimento. Poucos partidos políticos mantêm jornais deste tipo para aproximar a legenda dos seus eleitores e militantes. Com a nova ambiência eleitoral, o que se observa são candidatos e políticos utilizando uma comunicação cada vez mais personalizada para a manutenção dos seus eleitores, visando muito mais o pleito do que discussões ideológicas.

Acreditamos que o jornal impresso, pelas suas peculiaridades, ainda é um espaço de importante reverberação política, na medida em que permite reflexões mais densas



sobre o cenário político contemporâneo. Mesmo que as novas mídias eletrônicas e digitais permitam uma maior interatividade com os trabalhadores e população em geral, não tornam estes veículos impressos obsoletos na sua função de mobilização e conscientização política. O espaço garante uma maior abordagem de conteúdos com teor mais interpretativo das questões políticas, facilita o acesso às notícias e às discussões políticas por ser mais direcionado, além do fato destas publicações poderem circular de forma mais democrática e chegar efetivamente nos lugares certos de socialização dos trabalhadores, como nos ambientes de trabalho, gerando debates.

Os jornais impressos, mesmo concorrendo com toda a tecnologia que envolve a divulgação e produção de notícias, têm ainda um papel fundamental para estreitar estas relações dos cidadãos com seus partidos políticos. “A leitura de um jornal é uma forma de se manter relações sociais com indivíduos para além de relações face a face, colaborando para que os mesmos reforcem suas crenças comuns e tenham a mesma “leitura” do que percebem como “realidade” (Carey, 2007).

O descrédito em relação à política só tende a ser minimizado com um trabalho contínuo e monitorado de comunicação das legendas partidárias junto a seus afiliados e à população em geral. No entanto, o desempenho individual dos políticos profissionais vem se firmando na práxis da política contemporânea, minando ainda mais esta identificação dos cidadãos com as legendas políticas e, conseqüentemente, com ideologias. Nisso, a ação política desloca-se mais para questões eleitorais do que para as mobilizações e a participação dos diversos segmentos sociais nas questões da esfera pública.

A escolha do jornal O Trabalho foi intencional porque no contexto institucional da política brasileira, o Partido dos Trabalhadores é historicamente um dos mais ideológicos partidos de esquerda e sua hegemonia de mais de uma década no poder reforça sua importância no espaço político nacional. No entanto, verifica-se que uma ala do Partido aposta na modernidade com o apoio de processos interativos comunicacionais com sites, redes sociais, publicidade de alto nível, principalmente nas campanhas políticas. Mas outras tendências parecem não modernizar seus discursos e sua legítima representação dos trabalhadores, que é o suporte político da legenda, enfraquecendo a identificação destes mesmos trabalhadores com as chamadas esquerdas.

Diante do estudo verificado, percebe-se que a linha editorial do referido jornal mantém atualmente algumas lacunas em questões representativas do contexto atual que



envolve a classe trabalhadora na contemporaneidade, como acontece também com outras publicações de outras legendas partidárias. É fato que trata-se de uma tendência dentre muitas outras que operam no interior do PT, mas que insiste em um discurso de lutas de classes, greves, dossiês sobre a ditadura, revolução proletária e a manutenção de estereótipos identitários do trabalhador que já demonstram sinais claros que não encontram consonância na sociedade atual, o que explica o número reduzido de assinaturas. Acreditamos que os discursos poderiam ser atualizados para posicionar os trabalhadores como agentes políticos ativos na sociedade, forçando mudanças.

A própria concepção de classe trabalhadora é atualmente questionada, na medida em que existem mutações do mundo do trabalho que afetam diretamente esta concepção reducionista do trabalhador como uma identidade homogênea, como o antigo proletariado industrial. Estudos teóricos mostram que a identidade do trabalhador neste século é múltipla e exige demandas cada vez mais complexas que forçam reflexões e entendimento sobre este deslocamento político e social destes trabalhadores. Exigem, inclusive, até mesmo debates sobre as classes que surgiram no interior da classe trabalhadora, a partir da década de 90, com suas demandas mais específicas incluem a discussão sobre as minorias, com suas bandeiras de lutas específicas, como os homossexuais, mulheres, negros, deficientes físicos, dentre outras. E o que se percebe é que os jornais impressos partidários, que foram ferramentas tão importantes há décadas atrás, perdem-se nesta representatividade por não atualizarem seus discursos e não traçarem laços de pertencimento de acordo com a sociedade cada vez mais complexa em suas demandas políticas.

O estudo sobre o jornal O Trabalho, apesar de limitado pelo próprio espaço de análise e pela sua temática abrangente, nos permite deslocar esta problemática para outras legendas partidárias que insistem num conservadorismo político que implodem a representação dos trabalhadores no processo político nacional, tornando-os cada vez mais afastados de mobilizações e envolvimento com questões importantes da esfera pública, e, conseqüentemente, transformando-os em meros expectadores da política, ao invés de agentes ativos das mudanças sociais.

Bibliografia

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho – ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho**. 10ª edição, São Paulo: Boitempo, 2009.



- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.
- _____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman**; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- BERGER, Peter L & LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 27 ed.; tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 2007.
- CARREIRÃO, Y. e KINZO, M.D. **Partidos políticos, preferências partidária e decisão eleitoral no Brasil(1989/2002)**- Dados – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro,
- CAREY, James W. **Communication as culture: essays on media and society**. Boston: Unwin Hyman, 1989.
- CORREIA, J.Carlos; FERREIRA, G. Baptista e SANTO, P.Espírito (orgs). **Conceitos de Comunicação Política**. LabCom Books, 2010.
- DALLARI, Dalmo de Abreu. **O que é participação política?** São Paulo: Brasiliense, 1983.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- FERNANDES, L.V. **Os partidos brasileiros na perspectiva dos eleitores: mudanças e continuidades na identificação partidária e na avaliação das principais legendas após 2002**. Opinião Pública, Campinas, vol.13, nº 02, p.340-365, 2007.
- GOLFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- HALL, Stuart. **A Identidade na pós-modernidade**. Tradução Tomaz da Silva – 4ª Ed. Rio de Janeiro: DP&, 2000.
- MIGUEL, L. Felipe. **Representação política em 3-D – elementos para uma teoria ampliada da representação política**. Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol. 18, nº 51.
- SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e Diferença - A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SOARES, M. César. **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.